

Nós atravessamos a espessura do tempo

Élise Girardot

O principal assunto de Lucas Dupin é o tempo. Ele estende e estica a temporalidade da obra de arte, desenvolvendo um trabalho orgânico e de múltiplas formas, marcado pela fotografia, instalação, aquarela e vídeo-performance.

Em 2017, o artista propôs uma discreta performance no espaço público. Na cidade de São Paulo, ele cortou incessantemente vários pedaços de papéis sob o olhar surpreso dos pedestres que estavam na longa avenida. Durante oito horas ininterruptas, ele escavou os espaços dos calendários no coração de uma cidade gigantesca onde, diariamente, doze milhões de pessoas se aglomeram. No cruzamento das avenidas Paulista e Bela Cintra, a figura vestida com uma camisa branca desaparecia na paisagem em volta. Lucas Dupin se funde com facilidade ao ritmo da cidade: sentado em seu escritório, rodeado de apressados homens e mulheres de negócios, ele aproveita o tempo necessário para compor um trabalho em processo.

Durante uma viagem ao Brasil, descobri uma grande quantidade de papéis pendurados. Eles habitam o espaço de exposição. Outros pequenos pedaços cobrem o chão, formando uma pilha de papéis quadrados ou retangulares. Naquele dia, remontei o quebra-cabeça: esses fragmentos eram usados para preencher os espaços vazios das formas flutuantes. Os calendários vazios de “Tempo-Revés” induzem a uma metáfora, a de um tempo sujeito a falhas, a buracos na memória. Lucas Dupin decompõe os anos, meses e dias. Ele remove as lembranças para revelar o esqueleto, a estrutura temporal. Ao mesmo tempo leve e densa, essa instalação nos perturba por sua simplicidade: os calendários estão sobrepostos no chão, a pilha de papéis traduz uma

espessura temporal. O nome do artista, de expressão francesa, me interpela. Pergunto-me se um dia poderei conhecê-lo.

Dias mais tarde, saio dos grandes centros urbanos e subo para a costa atlântica em direção ao estado da Bahia. De passagem por Belo Horizonte, a cidade natal de Lucas Dupin, sigo meu itinerário. Lucas estava apresentando seu trabalho naquele mesmo dia em uma galeria da cidade. A poucos quilômetros um do outro, ainda não sabíamos que logo iríamos nos encontrar. O mês de dezembro é um mês muito quente no Brasil. Na Bahia, um outro mundo se abre. Ao desviar de uma pista vermelha que percorre a costa, um carro para e, na medida do possível, tenta evitar os buracos escancarados que pontilham a estrada em péssimo estado. Instalado no jardim, sentado em uma mesa e gargarejando os sabores e cores da pequena vila de Cumuruxatiba, converso com um artista que veio de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Ele me fala de seu trabalho. Naquele momento, os planetas se alinham: o artista é Lucas Dupin, eu tinha notado seu nome antes, ao visitar a exposição. Parecia que o improvável encontro com Lucas foi o resultado de uma sucessão de consequências lógicas na escala do tempo e de nossos respectivos desejos. Nossos caminhos tinham que se cruzar. Essa história insólita encontra eco no procedimento cartográfico e sensível desenvolvido pelo artista. Como seu percurso explora incessantemente os estratos temporais, encontro-me estranhamente no coração de uma *mise en abyme*.

Na série fotográfica “equivâlencias”, Lucas Dupin utiliza a metonímia como procedimento de criação. Ele percebe como as calçadas portuguesas, cujo modelo data do período colonial, estão desaparecendo das áreas urbanas brasileiras. Essas calçadas encarnam o estigma de uma época. Substituídas por outro material, as pedras faltantes catalisam uma evocação memorial. Os pedaços de carne apresentados em frente uns dos outros pelas mãos do

artista sugerem carne sacrificada e passado colonial. Outra pedra dourada aparece como uma analogia, uma mudança que lembra a construção das ostensivas igrejas barrocas do século 18, o século escravagista. Na última imagem da série, as mãos desaparecem e o novo solo é revelado, ampliado pela forma intrusa, um pedaço de carne ou de ouro. A disposição justaposta das imagens revela uma cronologia e torna visível o processo do artista. O espectador passa a ser sua testemunha privilegiada.

Lucas Dupin torna a invasão um motivo recorrente e modular. O artista se inspira no mundo vegetal, como na instalação “Jardins suspensos”. Entre os fragmentos dessas mesmas calçadas portuguesas, proliferam algumas plantas invasoras. Esse dispositivo destila mais uma vez a história brasileira no coração do trabalho, a história das terras selvagens domesticadas. Um dia, o Brasil já foi uma imensa floresta virgem. Apesar de sua domesticação, a natureza ameaçada ainda parece majestosa e predominante. A iconografia colonial exacerba uma visão exótica do Brasil: essas histórias têm sobrevivido aos tempos e contribuem para manter uma visão caricatural ainda significativa. Lucas Dupin desconstrói o imaginário por meio de ações poéticas e sugestivas. Como costuma acontecer, a instalação é imersiva. Ela propõe uma deambulação, uma concepção plástica pensada para a escala do corpo. É possível percorrer um caminho por entre essas partes selecionadas, vestígios de uma história onipresente sob nossos passos urbanos.

Em sua obra “A invenção da paisagem” Anne Cauquelin mostra como isso que conhecemos por “paisagem” revela uma construção mental. Lucas Dupin se refere a isso com a série “Notas sobre representação”. Retirada dos mapas brasileiros, vemos aí os buracos das queimaduras na superfície do papel: as sobreposições e colagens revelam imagens de arquivo. E

se a história desses variados territórios ainda estivesse por ser desenterrada? A construção da imagem poética por sucessivas camadas é característica da abordagem plástica do artista. Em “Biblioteca por vir”, ele reutiliza o papel dando uma nova vida às enciclopédias abandonadas. Lado a lado e formando uma biblioteca absurda e invertida, as fatias de livros recortadas criam um novo suporte, pronto para receber aquarelas sobre esses relevos. A flora tropical invade os livros até desaparecer progressivamente, deixando vestígios de sua passagem sob a forma de queimaduras empoeiradas. Aqui, novamente, a vegetação se desdobra, os cipós e os caules abraçam a superfície do trabalho, as veias das folhas abraçam as bordas das páginas enciclopédicas. Seu conteúdo ilegível dá lugar a outro uso: o livro se torna um receptáculo, ele deixa de ser um recipiente para palavras, linhas, frases, parágrafos e pensamentos. Mais recentemente, a série de aquarelas intitulada “Estalinhos” apresenta formas quase abstratas. As grandes imagens coloridas lembram o tecido ou o papel amassado. A mudança de escala nos induz ao erro, essas imagens enigmáticas são o resultado da explosão de um traque. O som seco geralmente dá lugar a um pequeno leve pedaço de papel rasgado, golpeado pelo fogo que ele conteve por apenas alguns segundos. A cor diluída em água revela o tempo furtivo do detalhe insignificante.

A atenta observação de objetos banais se estende a situações encontradas na vida cotidiana, como em 2018 na Praça do Patriarca, uma praça emblemática na história de São Paulo. À noite, este lugar de errância se transforma no centro nevrálgico da miséria. Todas as manhãs, o artista observou os jatos de água dos caminhões pipa expulsando os moradores de rua, em manifestação de uma violência cortante e confessa. Vemos o artista na imagem. Ele alimenta os pombos, outros ocupantes da praça. Eles passam a segui-lo e se acostumam com sua presença

intrusa. Ele então explode um traque. Os pombos voam subitamente. O artista repete essas ações várias vezes. Ainda assim, os pombos voltam ao mesmo lugar no dia seguinte.

No extremo oposto da busca pelo espetacular, a narrativa estrutura a história, como uma prática artística em permanente diálogo com o real poetizado. As obras de Lucas Dupin traduzem uma simbiose: ao combinar a imagem poética a narrativas históricas, o artista consegue desvendar discretamente as falhas de uma memória emaranhada e tece uma narrativa polifônica e sugestiva.